

Nuno Júdice

# O FRUTO DA GRAMÁTICA

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

LISBOA

2014



## ÍNDICE

A inspiração nocturna .....	11
Roteiro de contas.....	12
A sombra num eco nocturno .....	13
O que é a poesia .....	14
Na página de um álbum .....	16
Zoologia: outros gatos .....	17
Uma questão de tempo.....	18
Mnemosina .....	19
Elegia de Inverno.....	20
Contra Dionisos.....	21
A imagem que nasce.....	23
Novo tratado de botânica .....	24
Metamorfose .....	25
A inutilidade da gramática.....	26

Dupla respiração .....	27
A árvore sem nome.....	28
Antipoética.....	30
A casa vazia .....	31
Remorso branco .....	32
A forma do soneto.....	33
Curso breve .....	34
Passagem .....	35
Alegoria com asas .....	36
Carta sem selo .....	37
Ninfa lacustre .....	38
Revoluções .....	39
Sopa de pedra (variante) .....	40
A crise .....	41
Classificados .....	42
Rosa de Outono .....	43
Queda no real.....	44
Lembranças de viagem.....	45
Um flash divino.....	46
Demasiada humidade .....	47
Quadro natural.....	48
Exotismo .....	49
Mil e uma noites (variante).....	50
Prisão de amor.....	51
Amor oriental.....	52
Santa Salomé.....	53
Uma história de amor.....	54
Conversa nocturna .....	55
A emergência do caos .....	56

Filosofia estival .....	57
Tecido de memória: o alfaiate .....	58
Fénix .....	59

### **Nove retratos de família**

Sem data .....	63
Abril.....	65
Enigma.....	67
Repouso .....	69
Melancolia.....	71
Contraluz.....	73
Memorial .....	75
Espera .....	77
Monólogo (fragmento) .....	79

### **Oito fragmentos**

1 .....	82
2 .....	83
3 .....	84
4 .....	85
5 .....	86
6 .....	87
7 .....	88
8 .....	89

Livro de água.....	91
--------------------	----



## A INSPIRAÇÃO NOCTURNA

Se pudéssemos dominar as palavras como  
se domina um cavalo, com a rédea da retórica  
a puxar os impulsos do sentimento e as esporas  
da emoção a fazerem correr a frase até  
ao fim do verso, o poema seria como a planície  
por onde a imaginação cavalga sem freio nem destino,  
liberta de cavaleiro e sela.

Ou então, se tivéssemos pela frente o oceano  
da página e aí lançássemos a barca da estrofe, sem  
antes ter perguntado qual o tempo que iria fazer  
durante a viagem, veríamos nascer o temporal  
de dentro de um céu de substantivos escuros  
como nuvens, e o medo do naufrágio pesar-nos-ia  
no ritmo de uma queda de sílabas.

Mas se estivesses aqui, com o teu olhar  
pousado num campo de palavras, não apenas  
as que designam flores ou aves mas outras  
como a terra, a lama, a erva, o verde sombrio  
de um arbusto próximo, eu faria do poema  
a raiz desse tronco que os invernos não arrancaram,  
e alimentá-la-ia com a seiva do amor; e sentiria  
nas suas folhas os cabelos da tua noite,  
as nervuras da tua mão, o fruto dos teus lábios.

## ROTEIRO DE CONTAS

Desfio um rosário de conjunções  
nos dedos da memória. Mas  
o fio rompe-se e as contas deslizam  
pelo chão da página. As velhas  
de rostos desfeitos pelo ocaso  
correm atrás delas e guardam-nas,  
sem saber para que servem. Espero  
que adormeçam para as roubar, ouvindo  
nos seus lábios o sussurro de palavras  
soltas da frase do sonho. No pátio,  
entre as tábuas amontoadas para arderem  
no forno do pão, um luar morno percorre  
os muros de pedra, atraindo as osgas  
para fora dos seus buracos de musgo. E  
não vejo o caminho para onde o destino  
me leva; mas vou deixando atrás  
de mim as contas que marcam o tempo  
dos meus passos. Se me perder, guiar-me-ão  
no regresso – como se o vento e os animais  
nocturnos não as espalhassem para  
longe da minha vista, e cada manhã  
não me afastasse, mais e mais, do pátio  
da minha infância.

## A SOMBRA NUM ECO NOCTURNO

Também eu medito e lembro, agora que a noite desceu sobre os ombros de quem sonhou a luz. Vi, nos seus olhos, um desenho de folhas secas, e nele a própria árvore que os ventos e o inverno derrubaram. Mas os olhos fecharam-se, e no arco das pálpebras não encontro o sinal que me indicaria um rumo. No entanto, houve um sulco de barco que ficou, atraindo as aves marinhas; e ouço o bater das suas asas sobre a espuma no eco tardio de um relato de viajante – esse que esvaziou uma garrafa de aguardente enquanto as luzes do café se iam fechando, e os últimos clientes saíam em busca de um amor apressado. Ainda vejo a sua sombra, por trás do vidro embaciado da montra, no escuro da sala. Alguém me disse que ninguém sabe há quanto tempo ali está; e a ruína do edifício pesa sobre a sua imagem, agora que a garrafa ficou vazia e as mãos, segurando o copo, tremem de tédio e ausência.

## O QUE É A POESIA

É possível que este poema não seja um poema. De facto, embora escrito em verso, com cesuras que estão no sítio em que deviam, umas, e onde não deviam, outras, e apesar do ritmo que segue algumas das regras próprias de um discurso com marcas musicais, produzindo o prazer da harmonia de vogais e consoantes para ouvidos mais atentos, este poema pode ser considerado, por alguns, como não sendo um poema, ou não fazendo parte daquilo a que se dá o nome de poesia. Uma frase mais longa do que o habitual, em vez do discurso equilibrado e consonante com os hábitos da dicção; ou um raciocínio que nasce de uma discussão técnica sobre as regras que o poeta deveria seguir para chegar ao seu objectivo: eis, só aqui, dois motivos mais do que suficientes para que se diga que este poema não o é. Porém, outros podem trazer argumentos mais profundos: que falta aqui uma transcendência, um sublime, um contacto com o divino. Estes, são os clássicos. Ou que não se sente a presença de uma inspiração de carne e osso, da pele macia daquela que se aproxima, sem que a estejamos a ver, e que nos diz ao ouvido a palavra do amor: são os românticos. Ou ainda que nada disto teria de ter um sentido, e que as imagens teriam de andar umas contra as outras no saco da estrofe: são os modernos.

Deixo-os a discutir uns com os outros, a trocar os seus argumentos e as suas ambições, e espero que me digas que este poema que pôs tudo de lado quando chegaste ao pé de mim, é um poema; e se me disseres isso, então sei que é teu este poema, e o resto que fique para quem julga que sabe o que é, ou não é, a poesia.

## NA PÁGINA DE UM ÁLBUM

Acreditei numa distância breve entre o conhecimento e a aparição de uma imensa luz transversal ao céu e à vida; e reclamei a descoberta de imagens, de um fulgor de frases condensadas no arco substantivo do verso, da palavra definitiva do ocaso. A cabeça caía-me das mãos; e um cansaço de pensamento atravessava o meu espírito como um barco pesado de intuições e de remorsos, de um lastro de memórias de que não me conseguia libertar. Esqueci-me do que descobrira. Andei pela cidade olhando para todos os lados, em busca do rosto cujos traços perdera como se, em cada rosto que se cruzava comigo, eu pudesse reencontrar o desenho da face, a cor imprecisa dos olhos na passagem da tarde para a noite, o sorriso familiar no canto dos lábios. E se eu procurasse dentro de mim?, pensei, se algures num canto de tempo há muito vivido a sua voz se voltasse a ouvir murmurando, ao meu ouvido, qual fora o seu destino? Mas o tempo chegava ao fim, e rasguei a folha do álbum onde guardara a sua imagem.

## ZOOLOGIA: OUTROS GATOS

Os gatos que gostam de poesia metem-se nos cantos da casa, escondem-se debaixo das mesas, aninham-se no travesseiro daquele quarto, ao fundo, onde há muito ninguém dorme. Vejo-os, no verão, no parapeito da janela que dá para a rua, ao sol, e os olhos quase não se abrem com a luz que os fere. Esses gatos são gordos como as grandes estrofes dos poemas clássicos, e os seus bigodes, finos como um verso de sonora aliteração, têm um brilho dourado quando a sua língua os lambe e os deixa húmidos de encontro ao vidro. Quando os chamo, não vêm ter comigo; e se passo a mão pelo seu dorso assanham-se com a sensação de que o tempo lhes pertence. Assim, quando leio os poemas em que se passa de um verso a outro com a mesma delicadeza com que eles se movem, sem ruído nem sombra, compreendo o seu gosto pela poesia, e deixo-os dormir, ao sol, com os olhos abertos para o sonho, para os cantos da casa, e para as marcas de outrora no travesseiro que agora lhes pertence.

## UMA QUESTÃO DE TEMPO

Do outro lado da casa, as crianças brincam com o tempo que corre para que elas não brinquem com ele. Na casa ao lado, um cão vê o tempo a passar e ladra-lhe para ele fugir como se fosse um ladrão. Na rua, o mendigo pede a toda a gente a esmola de um tempo, e toda a gente diz que não tem tempo para lhe dar. No café, peço uma chávena de tempo, curto e bem forte porque não tenho tempo para dormir, mas ao meu lado há quem peça uma chávena bem cheia de tempo para que o tempo demore a beber. Há quem corra por falta de tempo, e o tempo vai atrás dele para o apanhar. No metro, a rapariga atravessa o cais, devagar, como se tivesse mais tempo do que todos os que contam o tempo para não lhes descontarem no tempo. E quando me perguntam se tenho tempo, olho para o relógio, como se ele estivesse cheio de tempo, e peço que tirem de dentro dele todo o tempo, e que o esvaziem até ao último segundo, para eu ficar com tempo para ver quanto tempo já passou.

## MNEMOSINA

Vai, na mais obscura das noites, e procura nos confins da terra o destino de quem perdeu o sentido do vento, a primeira luz da primavera, ou a imagem do rosto que o tempo para sempre apagou.

Não regressem sem a folha seca da árvore que abrigou o teu desejo, nem venhas bater à porta de quem te curou da melancolia, sem trazeres contigo um ramo de palavras colhidas no ventre de uma deusa muda.

E verás como todas as portas se fecham à tua frente, a não ser a da mulher que esperou por ti, sentada na soleira gasta pelos invernos; mas quando lhe disseres o teu nome ela fingirá que não te ouve,

para que tu próprio não saibas quem és.

## ELEGIA DE INVERNO

Aqueles passos que ficaram impressos na terra do jardim no inverno, quando vinhas ao meu encontro e eu te ia buscar, há muito se apagaram. Aos invernos sucederam primaveras, e outros invernos voltaram, e sempre que atravessava o jardim e queria ver um sinal da tua existência, só a relva recentemente plantada a tapar os pedaços de onde o temporal a tinha arrancado, e que nós pisávamos na pressa de nos ver, mostrava que algo ali teria ficado do instante em que os meus e os teus passos se juntavam, e por instantes nos demorávamos, antes de voltar para o caminho de pedra que nos levaria para o café. E por trás dos grandes vidros húmidos da chuva e sujos do tabaco, o mundo parecia esfumar-se, como se existíssemos nós apenas, naquele sítio longe de tudo o que nos distraía de nós. Hoje, porém, quando me tento lembrar do teu rosto, das tuas mãos, do modo como falavas, ou do teu riso tantas vezes melancólico, sombras e sombras se atravessam entre mim e ti, sem que eu deixe de te olhar.

## CONTRA DIONISOS

Vinham perguntar-me o que era a poesia num tempo em que já ninguém sabia o que era a poesia. Eu estava à janela, e lá fora havia, de um lado, o sol e algum céu azul, do outro lado as nuvens, e tinha começado a chover. A poesia parecia-me não fazer nada no meio deste hemisfério dividido entre inverno e primavera. Eu estava no inverno porque me sentia atraído pelas nuvens escuras que iam chegando; mas não podia ignorar a promessa de primavera que, apesar do frio, me chegava do lado em que o céu estava azul. E comecei a pensar que não valia a pena falar de poesia quando, eu próprio, estava dividido entre duas partes do mundo que, na realidade profunda do ser, correspondiam a dois impulsos que nos levam para o dia ou para a noite. Lembrei-me, no entanto, de alguns amigos que gostavam da noite, e que tinham sido devorados por ela. Uns tinham-no feito por opção própria, e de cada vez que o dia nascia desciam as persianas do quarto e só as subiam quando lhes vinham dizer que já era noite. Outros, porém, corriam para junto do mar, de madrugada, e viam chegar os barcos que tinham andado à pesca durante os grandes temporais nocturnos. Os homens saíam com as redes cheias de peixe, e os rostos gretados pelo sol tinham uma ânsia de terra firme, como se a sua vida se pudesse fixar nalgum sítio que não fosse o abismo. Se lhes falasse de poesia, porém, eles dir-me-iam que aquela fronteira entre o mar e o cais não era propícia a divagações, e o próprio cesto que traziam às costas poderia escorregar para dentro de água onde

os chocos vorazes da ria esperavam que o peixe morto lhes caísse em cima para o devorarem. Eu procurava, na maré baixa, que a espuma me restituísse as suas conchas brancas e ásperas, e agitava-as como folhas de papel. «O que aqui está escrito», dizia, «é a mensagem de uma eternidade líquida.» E perguntavam-me se era isso que eu confundia com o amor, como se o amor se pudesse apanhar no meio de conchas, pedaços de madeira, pedras marcadas pelos fósseis de algas e crustáceos. E deixava que o dia passasse, com a pergunta a cristalizar na minha cabeça, para que eu a pudesse tirar de dentro de mim quando a noite comesse a cair, e eu fechasse todas as janelas e persianas da casa apenas para não saber que a noite existia.